

Brasília sem sotaque

A professora da Faculdade de Educação da UnB e PhD em Lingüística, Stella Bortone, faz pesquisa sobre o sotaque brasiliense e explica por que ele ainda não existe de fato

RAQUEL COSTA

Todo mundo sabe que uma pessoa que puxa o som do “s” vem do Rio de Janeiro, que a acentuação da pronúncia do “r” é coisa de paulista, que a expressão “tche” e o falar cantado são típicos do sul do Brasil. Todos esses são exemplos característicos de sotaque. Mas como é identificado quem nasce em Brasília?

Segundo a professora Stella Bortone, professora da UnB que chefia pesquisa sobre o assunto há 17 anos, Brasília ainda não tem um sotaque característico da cidade. Pelo fato de Brasília ter apenas 40 anos, somente agora é que será possível saber como será o jeito próprio do brasiliense falar. Porque é nessa idade que Brasília começa a ter uma população verdadeiramente brasiliense, que é filha de imigrantes de todo o país. O pessoal entre 15, 20 anos que é nascido e criado na cidade, principalmente no Plano Piloto, é quem vai ser responsável pelo sotaque brasiliense. Principalmente no Plano Piloto porque, no Entorno, encontram-se pequenas diferenças. Quem mora no Entorno tem uma certa ligação com quem vem do interior, do meio rural.

Nesta entrevista, Stella fala sobre o sotaque em geral, sobre sua pesquisa e sobre Brasília.

COMO você vê Brasília?

No estado que a pesquisa tem hoje, estamos procurando características do falar brasiliense na articulação de 3 movimentos: o primeiro é do regional para o supra-regional, que é caracterizado pela ausência de marcação na fala; o segundo, do rural para o urbano, porque temos centenas de pessoas que vieram do interior ou que são descendentes diretos de imigrantes e o terceiro movimento é do geral para o letrado, porque em Brasília temos uma porcentagem enorme de pessoas com pós-graduação.

PODE-SE dizer que a linguagem usada no Plano Piloto é diferente da linguagem usada no Entorno?

Não podemos ser tão categóricos. Pode-se dizer que há evidências científicas, comprovadas, de que o jovem do Entorno tem certas características na fala que não aparecem nos jovens do Plano. Não são características ruins ou depreciativas, são apenas diferentes. O que demonstra que a forma de falar no

Entorno pode ser um índice de identidade do grupo. Mostra que a juventude de lá também está criando a sua própria identidade.

O QUE é o sotaque?

O sotaque é, antes de tudo, uma marca de identidade. Quando a gente abre a boca, logo o outro te identifica.

COMO surgiu a idéia de pesquisar o sotaque de Brasília?

A primeira pessoa que demonstrou interesse pelo assunto foi o Prof. Nelson Rocha, um baiano. Ele defendia que Brasília se tornaria um laboratório para estudar essa questão de contato de outras culturas faladas. Após seu retorno a Bahia, o assunto ficou meio esquecido até 1983, ano no qual eu defendi minha tese de mestrado e percebi essas diferenças, principalmente no meio rural. Meus alunos, então, resolveram continuar e aprofundar a pesquisa.

A LINGUAGEM da mídia influenciou, de alguma forma, o jeito de se falar na cidade?

A mídia tem um papel interessante. São certos modismos que vemos aparecer em novelas, por exemplo. Não há, no entanto, registro de que a mídia tenha influenciado uma região em termos fonológicos (de pronúncia). O que podemos ver é que principalmente na mídia de televisão e rádio, as grandes redes procuram veicular seus programas sem marcas muito regionais. Aquilo que a mídia procura intencionalmente, acontece aqui em Brasília espontaneamente. A fala de um jovem nascido e criado na cidade é a fala que hoje é praticada na mídia nacional, quando o programa é em rede. Somente quando um repórter de um estado do Nordeste, por exemplo, é chamado para entrar no ar é que aparecem as marcas regionais. Quem primeiro mostrou essa semelhança entre a tendência de Brasília e a fala na mídia foi minha primeira aluna de mestrado, Elizabeth Hannah.

SUA PESQUISA sobre o sotaque da juventude brasiliense já foi concluída?

Não, infelizmente. Estamos esperando chegarem os recursos da FAP/DF para impulsionar essa pesquisa. E para isso vamos receber, em novembro, um professor da Alemanha que estuda a linguagem da juventude de um modo



STELLA BORTONE: “O sotaque é uma marca de identidade”

geral, as suas características. O Prof. Klauss Zimmerman é um linguista e se interessou em vir a Brasília. Passará 2 meses na cidade e nós da Faculdade de Educação da Unb vamos oferecer um curso sobre a linguagem da juventude em geral. Nossa esperança é que o pessoal que fará esse curso se entusiasme e saia em busca de dados para a pesquisa da juventude de Brasília.

A JUVENTUDE brasiliense especificamente usa muito a expressão “véi”. De onde saiu esse termo?

Levamos isso à discussão em um congresso e os colegas de outros estados dizem que o termo também é usado muito pela sua juventude. Vimos então que é uma tendência da juventude brasileira. Mas o “véi” é uma expressão muito interessante, porque vem do dialeto caipira, e que nós definimos como *vocalização do “lhe”*: ao invés de velHO, véi. São expressões que acabam ganhando sentido metafórico e que servem como um escape pra pessoa, ao usar o termo, dizer que é jovem. Como se fosse uma marca, porque reflete todas as boas qualidades que um jovem tem.

O FATO de existirem pessoas de todo o país em Brasília explica a falta de um sotaque mais marcado?

Exato. A nossa fala é a fala sem marcas regionais. Eu gosto de dizer, quando tenho oportunidade, que Brasília é o símbolo da capacidade que o brasileiro tem de conviver com diferenças. Porque acho que nós somos um país jovem e que tem uma capacidade enorme de aceitar as diferenças. Nós temos uma tolerância muito grande com o diferente. Não estou dizendo que somos uma sociedade sem segregação e sem preconceito. A nossa segre-

gação é esse *apartheid* que deixa muita gente fora da escola, fora da sociedade de consumo.

ENTÃO Brasília não tem um sotaque próprio?

Brasília não tem um sotaque próprio. O que caracteriza a fala dos jovens da cidade é uma fala sem marcas regionais. E é isso que identifica a pessoa fora da cidade. É freqüente você sair de Brasília e as pessoas perguntarem de onde você é porque sua fala é diferente, é engraçada. E o mais interessante é que sua fala é classificada como diferente e engraçada, mas ninguém consegue dizer bem o quê na sua fala é diferente e engraçado.

A SENHORA falou que o sotaque é a nossa identidade. Quer dizer que Brasília, por não ter sotaque, não tem identidade?

Não, de modo algum. A nossa identidade é justamente uma identidade cosmopolita supra-regional. Por enquanto. É possível que em 40, 50 anos essas tendências se acentuem.

Plano Piloto e Ceilândia

Cintia Correia foi aluna da professora Stela e fez sua tese de mestrado baseada no jeito de falar da juventude no Plano Piloto e na Ceilândia. Ela concentrou sua pesquisa nos jovens de segundo e terceiro grau das duas áreas e constatou diferenças interessantes, como mostra na entrevista ao **Jornal de Brasília**.

QUAIS foram os resultados da sua pesquisa?

Descobri que existe uma diferença no falar dos jovens do Plano e da Ceilândia. No Plano Piloto, mesmo aqueles que têm pais vindos de outros estados, não mostram sotaque. Independente se estão no segundo ou terceiro graus. Já na Ceilândia, a coisa é diferente. Os jovens do segundo grau mostram marcas nor-

destinas, mesmo não sendo filhos de nordestinos. Lógico que não é um sotaque tão “carregado” como o nordestino autêntico, mas a pronúncia das vogais, por exemplo, é tão aberta quanto no Nordeste. Isso mostra que essas marcas deixaram de ser regionais e passaram a ser sociais. Já com os jovens de terceiro grau é um pouco diferente. Eles deixam um pouco de lado a pronúncia aberta, porque passam a conviver com muitos jovens do Plano e, por convivência e até por preconceito, mudam o jeito de falar.

POR QUE a escolha do Plano e da Ceilândia?

O Plano foi escolhido porque a maioria de sua população é de jovens nascidos em Brasília, ou seja, não têm

um sotaque. E também por que lá se tem uma renda per capita e uma escolaridade mais altas do que no resto do Entorno. O que não aconteceu na Ceilândia, que tinha uma escolaridade baixa, assim como a renda per capita. E esses são dois fatores muito influentes para a pesquisa.

O ENTORNO todo fala do mesmo jeito?

Minha pesquisa se concentrou na Ceilândia. Sendo assim, não tenho como afirmar que isso seja verdade. O que sei é que em Sobradinho se encontram traços no falar da juventude que existem na Ceilândia, mas isso não pode ser caracterizado como uma regra. É necessário fazer uma pesquisa com todo o Entorno e, assim, chegar a uma conclusão.